
A MEDIAÇÃO DOCUMENTÁRIA: especificidade e atualidade

THE DOCUMENTARY MEDIATION: specificity and topicality

Matheus Aguiar de Carvalho (1), Cristina Dotta Ortega (2)

(1) Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil,
maguiarcarvalho.bh@hotmail.com

(2) Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil,
ortega@eci.ufmg.br



Resumo

A mediação documentária é um conjunto de ações de intervenção sobre objetos para transformá-los em documentos. Essas ações implicam a elaboração de produtos documentários, bem como serviços e atividades para potencializar o acesso e o uso desses produtos. A mediação documentária foi tradicionalmente estudada nas disciplinas Arquivologia, Bibliografia-Biblioteconomia e Museologia. A articulação entre elas produz o campo dos estudos documentários, também conhecido como Documentação. Com a disseminação da Ciência da Informação nos Estados Unidos, a partir da década de 1960, o estudo da mediação documentária foi acomodado como um dos seus temas, o que acarretou o apagamento parcial de seus fundamentos. Sendo assim, o objetivo do trabalho é explorar o campo científico dos estudos documentários, haja vista que ele permite fundamentar a mediação documentária. O artigo é uma pesquisa básica e exploratória, desenvolvida a partir de revisão bibliográfica, segundo a seguinte estrutura: na seção 2, analisamos o percurso constitutivo teórico-disciplinar dos estudos documentários; na seção 3, discorremos sobre o conceito de mediação documentária; e, na seção 4, abordamos as categorias explicativas do campo. O estudo permite identificar a instabilidade que marca o percurso do campo e evidenciar a riqueza de conhecimentos elaborados ao longo do tempo que precisam ser recuperados.

Palavras-chave: Mediação documentária; Mediação da informação; Documentação; Ciência da Informação; Biblioteconomia; Bibliografia

Abstract

Documentary mediation is a set of intervention actions on objects to transform them into documents. These actions involve the development of documentary products, as well as services and activities to enhance access and use of these products. Documentary mediation has traditionally been studied in the disciplines of Archival Science, Bibliography-Librarianship and Museology. The articulation between them produces the field of documentary studies, also known as Documentation. With the dissemination of Information Science in the United States, starting in the 1960s, the study of documentary mediation was accommodated as one of its themes, which resulted in the partial erasure of its foundations.

Therefore, the objective of the work is to explore the scientific field of documentary studies, given that it allows the foundation of documentary mediation. The article is a basic and exploratory research, developed from a bibliographical review, according to the following structure: in section 2, we analyze the theoretical-disciplinary constitutive path of documentary studies; in section 3, we discuss the concept of documentary mediation; and, in section 4, we address the explanatory categories of the field. The study allows us to identify the instability that marks the course of the field and highlights the wealth of knowledge developed over time that needs to be recovered.

Keywords: Documentary mediation; Information mediation; Documentation; Information Science; Librarianship; Bibliography

1 Introdução

A mediação documentária é um conjunto de ações de intervenção sobre certos objetos para transformá-los em documentos. Essas ações implicam a elaboração de produtos documentários, bem como a proposição de serviços e atividades que possam potencializar o acesso e o uso desses produtos. O objetivo da mediação documentária é fornecer os meios para as pessoas responderem às suas necessidades de informação, as quais são decorrentes das diversas atividades que desenvolvem.

O estudo da mediação documentária foi tradicionalmente realizado no âmbito das disciplinas Arquivologia, Bibliografia-Biblioteconomia e Museologia, as quais configuram abordagens específicas do trabalho documentário, respectivamente, as abordagens arquivística, bibliográfica e museológica. A articulação entre as disciplinas documentárias produz o campo dos estudos documentários, que ficou conhecido como Documentação, devido à proposta de Paul Otlet, no início do século XX. A mediação documentária é o objeto dos estudos documentários, logo, a elaboração desse conceito atravessa os percursos daquelas disciplinas.

Em pesquisa anterior (Carvalho 2020a, 2020b), a partir dos trabalhos de Miguel Ángel Rendón Rojas (2012, 2013), José López Yepes (2015) e José Moreira González (2005), discutimos o campo adotando uma tradução aproximada do termo espanhol utilizado por esses pesquisadores: Ciências Informativo-Documentárias. Essa designação foi adotada para relacionar os estudos das tradições elaborados no idioma espanhol (*-informativo*) e francês (*-documentaire*). Optamos agora pela designação do campo pelo termo ‘estudos documentários’ para evitar inadequações de tradução e, principalmente, para evidenciar um campo científico de estudos a respeito do trabalho documentário constituído a partir daquelas tradições, mas não exclusivamente por elas.

Desde sua formulação inicial por Otlet, o campo dos estudos documentários foi continuamente desenvolvido ao redor do mundo, configurando, em cada país e idioma, vertentes com características próprias e modos particulares de concepção do objeto do campo da mediação documentária.

No Brasil, o estudo da mediação documentária foi elaborado sob influência das vertentes dos estudos documentários já estabelecidas ao redor do mundo, em especial na Europa e nos Estados Unidos. Desse modo, a vertente brasileira é resultante da apropriação dos conhecimentos elaborados em todas essas vertentes. Se, por um lado, esse movimento trouxe ao Brasil conhecimentos que já estavam em um estágio de amadurecimento científico, por outro lado, também foram incorporadas problemáticas presentes nesses estudos.

A proposição da Ciência da Informação nos Estados Unidos, na década de 1960, e sua disseminação pelo mundo nas décadas seguintes, promoveu a prevalência de estudos em torno do objeto informação, a despeito dos questionamentos sobre sua ambiguidade e a-historicidade. Nesse novo cenário, os estudos sobre mediação documentária foram acomodados nessa área como um de seus temas. Com o tempo, os estudos documentários passaram a ser observados de forma fragmentada, dada a superestimação do objeto informação e do uso de tecnologias no tratamento de documentos. O apagamento parcial dos estudos documentários em virtude da promoção da Ciência da Informação não ocorreu exclusivamente no Brasil, mas também em outras localidades, cada qual afetada à sua maneira.

Considerando o quadro disciplinar traçado e as tensões a partir das quais um campo científico se constitui e se desenvolve, o objetivo do trabalho é explorar o campo científico dos estudos documentários, haja vista que ele permite fundamentar a mediação documentária. Este objetivo é desenvolvido a partir de três objetivos específicos: a) analisar o percurso constitutivo teórico-disciplinar do campo dos estudos documentários, incluindo a vertente brasileira, visando estabelecer seu escopo; b) identificar as implicações do avanço da Ciência da Informação para os estudos documentários; c) discorrer sobre o conceito de mediação documentária como objeto dos estudos documentários, por meio da articulação de suas categorias explicativas.

Visando contemplar os objetivos acima mencionados, a estrutura do trabalho conta com três tópicos: O campo dos estudos documentários: percurso constitutivo; Mediação

documentária: origem e usos do termo; e Das categorias explicativas dos estudos documentários à mediação.

No tocante aos aspectos metodológicos, o artigo é uma pesquisa básica (Volpato 2013), marcadamente teórica (Bonin 2008), pois apresenta o conhecimento científico acumulado ao longo do tempo, para submetê-lo à crítica e, a partir disso, alargá-lo. Além de básica, a pesquisa é exploratória (Bonin 2010), destacando-se o seu caráter interpretativo (Domingues 2004 p. 120) e analítico (Lakatos e Marconi 1982 p. 32).

O método adotado para desenvolver a pesquisa foi a revisão bibliográfica (Bonin 2010), tendo em vista a necessidade de verificar como o objeto da pesquisa foi investigado em estudos anteriores, quais resultados foram obtidos com eles (Bonin 2010) e quais novos desdobramentos podem ser delineados a partir de nossas reflexões.

A revisão bibliográfica foi realizada a partir das operações de seleção, análise e síntese. A seleção foi constituída pela busca em fontes de pesquisas nacionais e estrangeiras do campo.

As fontes nacionais consultadas foram os anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) e do Seminário Internacional A Arte da Bibliografia, a Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), o Portal de Busca Integrada da Universidade de São Paulo (USP) e o Repositório Institucional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

As fontes estrangeiras consultadas foram os repositórios DialNet, *e-Prints in Library and Information Science* (E-LIS), Repositório Institucional do *Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información* (IIBI), da *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM), a *Bibliografía Latinoamericana en revistas de investigación científica y social* (BIBLAT), as plataformas *Google Scholar* e, especificamente voltada à produção em francês, a *Cairn.info* e a *Open Edition*.

As fontes de pesquisa foram escolhidas em razão de reunirem produção científica qualificada e diversificada do campo, de origem tanto nacional quanto estrangeira, para apoiar o desenvolvimento do objeto e objetivos em questão.

Não foi estabelecido recorte temporal nas buscas nas fontes de pesquisa, tendo em vista o propósito do artigo ser antes a elaboração dos conceitos implicados na explicação da

mediação documentária que um acompanhamento temporal da produção sobre este tema. Por essa razão, também não são indicados dados quantitativos da produção recuperada e analisada para desenvolver o artigo.

A busca foi delimitada ao campo resumo a partir dos termos mediação documentária, mediação da informação, biblioteconomia, bibliografia, documentação e ciência da informação, bem como suas respectivas traduções em idioma inglês — *documentary mediation, information mediation, librarianship, library science, bibliography, documentation, information science* — e em idioma francês — *médiation documentaire, médiation de l'information, médiation informationnelle, bibliothéconomie, bibliographie, documentation, science(s) de l'information*.

A análise da produção científica foi realizada nas duas primeiras seções após a Introdução, em que abordamos o percurso constitutivo teórico-disciplinar do estudo da mediação documentária e o conceito de mediação documentária, respectivamente. Na quarta seção, elaboramos a síntese da análise realizada nas seções anteriores, explorando categorias para a mediação documentária. As categorias sistematizadas foram as seguintes: o contexto documentário; o público e suas necessidades e informação; o documento na perspectiva documentária; o profissional da mediação documentária; a atividade (de mediação) documentária; e, os sistemas documentários. As etapas da pesquisa foram assim desenvolvidas na perspectiva de que a articulação dessas categorias permite explicar a mediação na condição de objeto de estudos do campo.

2 O campo dos estudos documentários: percurso constitutivo

2.1 A proposta conceitual otletiana e seu modo de apreensão atual

A sistematização dos estudos documentários pode ser creditada à Paul Otlet (1868-1944). Otlet tomou como referência o campo da Bibliografia e, gradualmente, adotou o termo Documentação para desenvolver seus estudos.

Marie-France Blanquet (2018), em texto original de 1993, sintetiza o percurso dos termos Bibliografia e Documentação na obra de Otlet a partir de três períodos: a partir de 1890 — quando se discute somente a bibliografia; a partir de 1910 — ocorrem as primeiras aparições

do termo documentação acompanhado do termo bibliografia; e, a partir de 1930 — momento em que o termo bibliografia desaparece da obra de Otlet, cedendo lugar para o termo documentação.

Na fase inicial, a compreensão do campo por Otlet foi resultante principalmente da apropriação da definição do termo ‘ciência do bibliógrafo’, conforme elaborada pelo historiador e paleógrafo francês Charles V. Langlois: “[A ciência do bibliógrafo é] a parte da ciência dos livros que lida com repertórios e fornece os meios para obter informações sobre as fontes” (Blanquet 2018 p. 224). Essa definição é a base de Otlet para a criação do *Office international de bibliographie* (OIB), em 1895, denominado posteriormente de *Institut International de Bibliographie* (IIB). A fase inicial do Instituto foi caracterizada pelo trabalho de organização da informação realizado por bibliógrafos e bibliotecários, sendo secundárias as funções de difusão e de promoção do acesso à informação (Blanquet 2018).

A partir de 1910, o uso simultâneo dos termos bibliografia e documentação na obra de Otlet marca tanto uma continuidade entre eles quanto a indicação da novidade apresentada pela documentação (Blanquet 2018). Nesse sentido, a autora aponta a ampliação das tipologias documentais adotadas no trabalho documentário, a mudança de foco da preservação para a comunicação da informação e a ampliação da noção de público, agregando grupos sociais distintos, sem restringir esta noção a pesquisadores e eruditos, os quais eram os únicos públicos tradicionalmente reconhecidos.

No início do século XX, a Bibliografia é marcada por apagamentos que resultam em sua simplificação. Segundo Andrea Capaccioni (2006 p. 16), o bibliógrafo Walter Wilson Greg notou com impaciência que a maior parte dos estudiosos do período considerava a bibliografia apenas como uma atividade de elaboração de listas de livros: “[...] o estudioso insistiu durante toda a vida que a disciplina deveria se ocupar do livro como objeto, da análise de seus processos de produção e da descrição analítica do exemplar” (Capaccioni 2006 p. 16 tradução nossa).

A compreensão da Bibliografia restrita à produção de listas de livros acompanhou o desenvolvimento da disciplina no século XX, alcançando o século XXI. No Brasil, por exemplo, o trabalho bibliográfico remete principalmente à elaboração e normalização de referências bibliográficas presentes em trabalhos acadêmicos, como trataremos mais adiante.

Na terceira fase dos estudos de Otlet, a Documentação se torna central e a Bibliografia é tomada apenas como um eixo da primeira. Segundo Blanquet (2018), essa fase é marcada pela ênfase de Otlet à autonomia da Documentação e à sua função de comunicação.

Otlet (1937) elabora o objeto da Documentação no estudo das operações documentárias, o que abarca desde a produção do documento até a sua apropriação pelo usuário. No Tratado de Documentação (*Traité de Documentation*, no original), de 1934 (Otlet 1934), Otlet (2018) contempla as abordagens arquivística, bibliográfica e museológica do trabalho documentário. Quanto aos órgãos da documentação, como trata o autor, na abordagem arquivística, são mencionados os arquivos históricos e a documentação arquivística, na abordagem bibliográfica, são mencionados os centros e serviços de bibliografia e documentação e as bibliotecas e coleções de livros, e na abordagem museológica, os museus. Desse modo, vale destacar a amplitude do objeto da Documentação em relação ao modo como ela ficou reconhecida posteriormente a partir do trabalho em contextos industriais e científicos.

Quando a Documentação otletiana foi disseminada pelo mundo, os pesquisadores e profissionais de cada região se apropriaram da disciplina a partir das características específicas da produção já estabelecida em seus respectivos contextos. Nesse sentido, a produção científica do campo de meados do século XX é marcada por publicações, cujo objetivo era explicar as distinções entre a Documentação e a Biblioteconomia (Lasso de la Vega 1954; Shera e Egan 1961; Meyriat 1996).

Nathalia Quintero Castro (2013) sistematiza dois discursos produzidos no século XX a respeito da Documentação e suas relações com as disciplinas documentárias: o integracionista, em que a Documentação assimila a Biblioteconomia, a Arquivística e a Museologia; e o especializado, em que a Documentação é compreendida como uma especialização da Biblioteconomia, responsável por promover o acesso e o uso da informação para pesquisadores em centros científicos e em setores industriais.

Enquanto eram estabelecidas as relações entre Biblioteconomia e Documentação, alguns grupos iniciavam estudos sob a proposta de um novo campo denominado Ciência da Informação (*Information Science*, em inglês).

O termo *Information Science* foi utilizado pela primeira vez na Inglaterra, na denominação do *Institute of Information Scientists*, fundado em 1958. Contudo, a origem do

termo é comumente associada aos encontros intitulados *Conferences on training science information specialists*, realizados em 1961 e 1962, nos Estados Unidos (Dias 2000).

Nos Estados Unidos, a Documentação compartilhou espaço com a Biblioteconomia especializada, quando a primeira foi trazida da Europa na década de 1930. Posteriormente, a Documentação passou a ser representada pela *Information Retrieval* ou *Information Storage and Retrieval*, área voltada aos estudos e atividades de armazenamento e recuperação da informação por meio de computadores. Essa área foi uma das bases para a constituição posterior da Ciência da Informação (Salvador Oliván e Arquero Avilés 2006).

Fondin (2005 grifos nossos) descreve ter ocorrido nos Estados Unidos uma oposição entre os conceitos de documento e informação: o documento remeteria ao suporte, enquanto a informação seria relativa ao conteúdo. Por consequência, termos como ‘documentação’ e ‘biblioteconomia’, que remetiam ao trabalho sobre os documentos (portanto, entendidos como relativos a operações sobre os suportes), não eram compatíveis com a realidade de um campo em que os profissionais e pesquisadores tinham como foco a informação.

Na década de 1960, a Ciência da Informação ganha maior espaço nos Estados Unidos, acomodando os estudos elaborados até então sob a denominação *Information Retrieval*.

Enquanto a *Information Retrieval* foi mais reconhecida na Ciência da Informação quanto aos avanços que apresentava para o tratamento automatizado da informação, a Documentação não foi grandemente apropriada na nova área.

A disseminação do discurso a respeito da insuficiência da Documentação para responder às novas demandas da sociedade trouxe o pressuposto de sua inadequação ou desatualização frente à explosão tecnológica e ao dinamismo das novas demandas de informação. Esse discurso foi elaborado mais fortemente nos Estados Unidos, mas logo se expandiu para outros lugares do mundo.

Fondin (2005) identifica três problemas principais a respeito da Ciência da Informação, como segue:

- Os sistemas documentários podem ser distinguidos entre primários e secundários. Os sistemas primários atuam na produção e difusão do documento, relacionados principalmente com os autores. Os sistemas secundários atuam na conservação e na promoção dos documentos para os leitores ou usuários em potencial. Dada essa

distinção, a Ciência da Informação não pode pretender ter como objeto de estudo tanto os fenômenos primários quanto os fenômenos secundários.

- O segundo problema é relativo ao que se considera como objeto da Ciência da Informação, a informação. A informação é compreendida classicamente como o conteúdo de uma mensagem. Várias ciências integram a palavra informação em seus vocabulários. Desta forma, sendo a informação um objeto de várias ciências, ela não pode pertencer exclusivamente a nenhuma delas: “Portanto, qual especificidade a Ciência da Informação pode reivindicar em torno do objeto informação? Pode ela pretender estudar todo o conteúdo de todas as mensagens, independentemente das entidades envolvidas?” (Fondin 2005 p. 11 tradução nossa).
- O terceiro problema também está associado ao objeto da Ciência da Informação. Fondin (2005) aponta a ambiguidade e indefinição geradas sobre a Ciência da Informação quando o interesse dos pesquisadores em técnicas de tratamento, armazenamento, busca e difusão de documentos e de seus conteúdos segundo a perspectiva documentária (a de fornecer informação a...), considerando restritamente a informação técnica e científica, partiu para uma abordagem mais global sobre a informação.

Mesmo com os problemas elencados a partir de Fondin (2005), a Ciência da Informação foi amplamente disseminada pelo mundo desde meados do século XX até as décadas iniciais do século XXI. Gradualmente, os estudos da informação ou do uso da informação foram priorizados em detrimento dos estudos documentários. Isso acarretou apagamentos sobre os estudos documentários, no tocante aos seus percursos histórico, teórico e disciplinar, acomodando-os como um tema de menor importância no âmbito da Ciência da Informação.

2.2 A vertente brasileira dos estudos documentários

As práticas documentárias foram desenvolvidas no Brasil desde o período colonial. No início do século XVI, o país vivenciou a criação dos primeiros arquivos ligados à administração pública e das primeiras bibliotecas atreladas aos conventos. Já os primeiros museus foram criados no século XVII. A seu turno, a produção de bibliografias se deu no país a partir do final do século XIX, associada às ações da Biblioteca Nacional.

No entanto, o estudo da mediação documentária em abordagem bibliográfica pode ser identificado mais tarde com os primeiros cursos de formação de bibliotecários.

De acordo com Santos (2010), a história das bibliotecas no Brasil até o início do século XIX pode ser compreendida a partir de três fases: a primeira fase é iniciada com as bibliotecas dos conventos e as bibliotecas particulares; a segunda fase é iniciada com a fundação da Biblioteca Nacional, em 1810; e a terceira fase se dá com a criação da primeira biblioteca verdadeiramente pública do país, na Bahia, em 1811.

Nas décadas iniciais do século XX, há extensa criação de bibliotecas no país, com apoio principalmente da Biblioteca Nacional e do Instituto Nacional do Livro (Fonseca 1957). Esse período também é marcado pela criação dos primeiros cursos de Biblioteconomia no país. O primeiro curso de formação de bibliotecários foi criado em 1911, na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro (Fonseca 1957; Mueller 1985).

A existência de um curso pressupõe um corpo sistematizado de conteúdos, o que nos permite dizer que o início do século XX imprime as primeiras reflexões sobre os estudos documentários.

Concomitantemente ao desenvolvimento da Biblioteconomia, a Bibliografia era abordada no país principalmente a partir de seu produto, as bibliografias, e seus usos no trabalho bibliotecário (Fonseca 1957). Esta abordagem foi iniciada com os trabalhos na Biblioteca Nacional, mas logo apropriada em cursos de formação. Quanto à Bibliografia na atualidade, destacamos o Seminário Internacional A Arte da Bibliografia, realizado anualmente desde 2014 (Araújo, Crippa e Saldanha 2015). O evento caracterizou um dos primeiros esforços no país de resgate do estudo bibliográfico, considerando o desenvolvimento epistemológico e histórico da Bibliografia e não apenas o seu produto (Araújo, Crippa e Saldanha 2015).

Os estudos documentários no Brasil no início do século XX também são marcados pela apropriação da Documentação europeia, em grande medida em razão do trabalho de Manoel Cícero Peregrino da Silva durante sua gestão na Biblioteca Nacional iniciada em 13 de julho de 1900.

Segundo Carlos Henrique Juvêncio (2014), Manoel Cícero colocou a Biblioteca Nacional em contato com o restante do Brasil e com o mundo. Nesse sentido, Juvêncio e Rodrigues (2015) mencionam o Serviço de Bibliografia e Documentação, criado em 1911, que

foi resultado de conversas e negociações iniciadas em 1907, quando Manoel Cícero visitou o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), em Bruxelas. O Serviço de Bibliografia e Documentação foi elaborado sob as mesmas premissas do IIB, como consta no regulamento da Biblioteca Nacional aprovado em 1911 (Juvêncio e Rodrigues 2015).

Uma segunda frente de promoção da Documentação no país foi construída a partir do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBBD). Na primeira edição, realizada em 1954, o evento foi denominado Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, mas a partir da segunda edição, realizada em 1959, o termo Documentação foi incorporado em sua denominação.

Em trabalho apresentado na segunda edição do CBBBD, Abner Lellis Corrêa Vicentini (1959), presidente da Associação Paulista de Bibliotecários entre 1958 e 1961, abordou as contribuições da Documentação para a Biblioteconomia no tocante às técnicas necessárias para lidar com os novos tipos de documentos produzidos no século XX e à elaboração de serviços especializados de acesso à informação.

Por fim, as contribuições da Documentação otletiana são identificadas em publicações da Revista do Serviço Público (RSP), como reflete o estudo realizado por Silva, Lima e Silveira (2023). Esses autores analisaram dez artigos do período de 1951 a 1975, a partir do que, afirmam o reconhecimento da historicidade da Documentação e, em muitos deles, do papel da Bibliografia na constituição do campo.

Na década de 1970, os estudos documentários brasileiros passam por dois movimentos concomitantes: no primeiro, eles são confrontados com os estudos em informação, decorrentes da apropriação da Ciência da Informação da vertente estadunidense; e, no segundo, há a apropriação da Documentação pelo Grupo Temma, grupo de pesquisa iniciado na Universidade de São Paulo (USP), com ênfase nos estudos da linguagem aplicada à análise documentária.

O Grupo Temma foi impulsionado pelos estudos e pela atuação de Johanna Smit. Em consulta ao Currículo Lattes de Smit, foram identificados trabalhos de sua autoria publicados na década de 1970, relativos à análise de textos com fins documentários (Smit 1974, 1977, 1978; Natali e Smit 1976). Nesse período, Smit desenvolveu seu mestrado e seu doutorado na França, respectivamente sob orientação de Jean Meyriat e de Jean-Claude Gardin, ambos os trabalhos relativos à análise documentária.

Segundo Lara (2011), o Grupo Temma expandiu os estudos de Gardin, pois eles eram restritos às análises de textos técnico-científicos. O objetivo era generalizar as propostas teórico-metodológicas de Gardin, para incluir a análise de outros textos, como o imagético e os dados estatísticos (Lara 2011).

Embora o Grupo tenha encerrado suas atividades, Mendes (2021 p. 6, tradução nossa) atribui à pesquisa realizada na USP a aplicação da Documentação francesa no Brasil, ao afirmar que se trata de “[...] uma vertente brasileira específica na Biblioteconomia e Ciência da Informação que tem um forte componente de Documentação”.

Na década de 1970, a denominação Ciência da Informação foi promovida no Brasil a partir do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), criado em 1954 e renomeado para Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) em 1976 (Pinheiro e Loureiro 1995).

Lydia de Queiroz Sambaquy foi a responsável pela criação do IBBB. Uma das principais preocupações com o Instituto era a formação dos bibliotecários, o que motivou a criação do Curso de Pesquisas Bibliográficas no IBBB, posteriormente denominado Curso de Documentação Científica (CDC) (Gomes 1974). O objetivo do Curso era formar pessoal para a elaboração de serviços especializados, sem restringir o corpo discente do curso à classe bibliotecária (Gomes 1974).

O primeiro curso de mestrado em Ciência da Informação no país foi ofertado no IBBB. O curso foi criado em 1970 a partir do CDC, cuja responsabilidade é creditada à Hagar Espanha Gomes e Celia Zaher (Pinheiro 2020). Além do curso de mestrado, e da mudança de denominação de IBBB para IBICT, o Instituto protagonizou a criação do primeiro periódico da área denominado Ciência da Informação, publicado a partir de 1972 (Pinheiro e Loureiro 1995).

Segundo Freitas (2001), a influência do IBICT na promoção da Ciência da Informação estadunidense reverberou em muitos dos cursos de graduação e de pós-graduação pelo Brasil, pois muitos dos professores destes cursos foram formados no IBICT.

No âmbito da pós-graduação, os programas de Biblioteconomia foram gradualmente renomeados para Ciência da Informação, ou mesmo já criados com esta denominação. Na graduação, os cursos de Biblioteconomia foram mantidos com esta denominação, mas seus

conteúdos foram modificados, reduzindo os conteúdos específicos de Biblioteconomia para agregar conteúdos de outras áreas.

Suzana Mueller (1985) descreve que, na década de 1970, os cursos de Biblioteconomia sofreram pressões para renovarem os seus currículos, até então constituídos por disciplinas específicas da área e disciplinas culturais, as últimas tidas muitas vezes como superficiais por sua abrangência enciclopédica. Mueller (1985) menciona a recomendação elaborada no 69º CBBB, em 1971, dirigida à Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD), para a inclusão de matérias no currículo mínimo como: Metodologia do Trabalho Intelectual, Linguística, Fundamentos de Matemática, Estatística e Introdução aos Computadores (Mueller 1985).

A apresentação do campo sob uma nova denominação – Ciência da Informação – e sob conteúdos distintos ao do âmbito documentário trouxe a ele uma clientela com desinteresse em conteúdos relativos à Biblioteconomia: “O que se tem notado é uma insatisfação dessa clientela nova com aquela parte desses programas que poderiam ser classificados de biblioteconomia, ou seja, qualquer coisa que diga respeito a bibliotecas, por mais elaborada ou teórica que seja” (Dias 2000 p. 75).

Desse modo, não havia propriamente um entendimento a respeito da Ciência da Informação, mas, contraditoriamente, havia a compreensão de que ela era distinta da Biblioteconomia, bem como da Documentação e da Bibliografia.

Além da dificuldade de entendimento da identidade disciplinar da Ciência da Informação, o termo informação foi e ainda é acompanhado de sua indefinição, como problematizada por Fondin (2005).

A busca pela conceituação do termo informação se dá em grande medida pelo fato de o campo ser tratado como uma Ciência ‘da informação’, fazendo pressupor a validade de estudos diversos sobre este termo. ‘Informação’ passou a ser usado amplamente, seja como designação do objeto central de estudo dessa ciência, seja como qualificador de grupos de pesquisa e eventos acadêmicos e profissionais, além de qualificador de termos caros e tidos como centrais no campo, como mediação, práticas, fluxos, gestão, acesso, uso, apropriação etc.

Dado o cenário de imprecisão terminológica, o termo informação se tornou um coringa, com significados adaptados segundo a identidade de cada pesquisador. Essa situação acentuou

a dificuldade de constatação de algum tipo de identidade à Ciência da Informação e de explicação minimamente consensual acerca de seu objeto, o que tem contribuído para o surgimento de vários problemas teóricos na vertente brasileira.

Em alguns estudos sobre a produção científica da Ciência da Informação brasileira, os seguintes problemas são relatados: fragilidade terminológica decorrente da ausência de um corpo conceitual próprio e de uma linguagem de especialidade consistente (Smit, Tálamo e Kobashi 2003); atribuição de uma multiplicidade de origens e de disciplinas constituintes, a depender de como são estabelecidas práticas, teorias e escolas (Abdalla e Kobashi 2012; Souza 2008); desenvolvimento de abordagens metodológicas pouco explicativas, interpretativas e propositivas sobre o objeto do campo (Souza 2008; Frota 2007); presença de abordagens estritamente contemplativas dos fenômenos informacionais que levam a extensas descrições de suas dinâmicas, constituindo “meras narrativas” daquilo que é observado (Souza 2008 p. 17); e, atribuição de marcadores para o campo que não o caracterizam de maneira suficiente para especificá-lo como ciência, como: ciência interdisciplinar, conduzindo a mais ocultamento que à explicação de sua cientificidade (Smit e Tálamo 2007); ciência pós-moderna, na ausência de uma definição consensual e consistente para identificar sua existência ou condição em uma pós-modernidade (Siqueira 2012); e ciência social e humana, classificação usada como justificativa para considerar que “tudo vale” em Ciência da Informação (Rendón Rojas 2008 p. 7 grifo do autor).

Em síntese ao percurso apresentado, identificamos dois enfoques principais de pesquisa realizados hoje no Brasil sob o nome Ciência da Informação: o primeiro tem como objeto central a mediação documentária, e é fundamentado no percurso constitutivo do campo a partir da Bibliografia, Biblioteconomia e Documentação, e da Arquivologia e Museologia, ainda que por vezes esse objeto seja estudado de forma parcial ou fragmentada; o segundo tem como objeto central a informação, no entanto, seu estudo é realizado a partir de concepções diversas. Esse segundo enfoque remonta à *Information Science*, originada nos Estados Unidos, em meados do século XX. Comumente, as explicações adotadas para esse segundo enfoque são amparadas em características ditas como inerentes à Ciência da Informação, como a natureza social, ou social aplicada, e a interdisciplinaridade. As pesquisas realizadas nos dois enfoques apresentam características próprias, mas, por vezes elas se entrelaçam, influenciando-se entre si.

3 Mediação documentária: origem e usos do termo

3.1 A origem do termo mediação documentária na França

O conceito de mediação documentária foi elaborado na França pelo termo *médiation documentaire*.

A despeito de usos anteriores do conceito no contexto francês, localizamos as primeiras menções ao termo *médiation documentaire* na produção francesa da década de 1990 (Alava 1993, 1999; Alava e Étéve 1999). Nesses estudos, a mediação documentária é abordada no tocante à formação de estudantes para a pesquisa, articulando para isso o ensino em sala de aula e as bibliotecas.

Mais recentemente, o conceito de mediação documentária passou a ser utilizado para identificar os processos documentários necessários à criação de dispositivos documentários com ênfase na promoção do acesso a documentos. Como trata Béguin-Verbrugge (2002), a mediação documentária passou a ser caracterizada em certas produções da vertente francesa por não implicar a relação pessoal direta entre o profissional e o usuário. Nesse sentido, Fabre (2013) identifica a mediação documentária a partir dos processos de tratamento documentário, reforçando a ideia em artigo com Couzinet (Fabre e Couzinet 2021), no qual as autoras associam a mediação documentária à produção dos documentos secundários, como as sínteses, os catálogos e aos arranjos de coleções.

O dispositivo documentário constitui uma interface elaborada para apoiar o usuário nos processos de significação necessários para a produção de conhecimento. No dispositivo documentário, o mediador é o terceiro elemento responsável por conciliar dois elementos ou instâncias: os usuários e suas necessidades de informação, e os saberes representados na forma de documentos (Fabre e Gardiès 2010). Os sentidos atribuídos às interfaces documentárias pelos profissionais e os sentidos elaborados sobre essas interfaces pelo público são sempre elaborações situacionais e não estáveis ou únicas (Fabre e Gardiès 2010; Liquète, Fabre e Gardiès 2010).

Régimbeau (2011), por sua vez, ressalta a amplitude procedimental da mediação documentária. Como atividade, o autor menciona sua constituição pelos processos iniciais de coleta ou aquisição, os processos intermediários pelo tratamento documentário, e a etapa final

em que há a difusão ou disseminação da informação. Nesta última etapa, os documentos e os demais produtos documentários são disponibilizados aos usuários, obtendo deles uma avaliação ou *feedback*.

Além da abordagem da mediação documentária segundo os seus processos constituintes, o autor orienta sua discussão a objetos do campo, ao discorrer que, associada à atividade documentária, estão elementos como o usuário, as ideias, o contexto técnico, os conteúdos e a prática (social, econômica, política, ...), privilegiando certo(s) objetivo(s) (Régimbeau 2011).

Fabre (2013) discute o paradoxo da mediação documentária quando as pessoas, em suas práticas cotidianas de busca por informação, são confrontadas com interfaces diversas e desarticuladas entre si. Desta forma, as interfaces documentárias podem funcionar como obstáculos ou como suporte a essas práticas. Em outras palavras, as interfaces podem afastar o usuário da informação, mas também podem auxiliá-lo, orientando-o em seu processo de busca. Desse modo, as interfaces – na perspectiva da mediação documentária – devem ser constituídas para funcionarem como ponto de referência para a orientação do usuário (Fabre 2013).

3.2 A mediação documentária no Brasil e a mediação da informação

Entre os primeiros textos em que consta o termo mediação na produção científica brasileira dos estudos documentários, estão os artigos de Victor Flusser (1980) e de Leila Mercadante (1995).

Flusser (1980) aborda as ações culturais em bibliotecas públicas como práticas de mediação cultural. O objetivo das ações culturais é promover o acesso e uso da herança cultural de forma crítica especialmente ao não-público — termo utilizado pelo autor para indicar grupos sociais historicamente excluídos das dinâmicas do sistema cultural. Sendo assim, Flusser (1980) destaca o caráter interventor do bibliotecário ao atuar como um mediador de cultura, porque ele cria formas de o não-público participar ativamente do sistema cultural.

Mercadante (1995) discute as relações entre as tecnologias de informação e comunicação e o trabalho documentário, destacando como o avanço das primeiras exige dos profissionais que trabalham com a informação novas formas de desenvolver a mediação em bibliotecas e centros de documentação. Nesse sentido, a autora ressalta a importância de os profissionais se apropriarem das novas tecnologias da informação para potencializarem os

processos de mediação e, desta forma, o acesso do público aos documentos disponíveis em diferentes suportes e contextos.

Tratamos em publicação anterior que a adoção do termo mediação na produção brasileira ocorreu sem que se observasse as implicações do conceito de mediação para a compreensão das atividades documentárias (Ortega 2015).

Smit (2009) critica a ausência de um questionamento mais detalhado a respeito do processo de mediação, pois ele é tido muitas vezes como uma consequência automática ou mágica da posição ocupada pelo profissional. Em outras palavras, é como se a mediação se concretizasse apenas pelo fato de o profissional estar fisicamente entre os documentos e os usuários. Sendo assim, continua a autora, devemos discutir com maior profundidade como se dá o exercício da mediação, quais variáveis intervêm no processo, distribuindo “[...] estas variáveis entre aquelas que estão fora de nossa esfera de ação e quais outras constituem nosso locus particular de atuação profissional e investigação científica” (Smit 2009 p. 60).

Nos estudos brasileiros, a mediação é discutida principalmente pelo termo mediação da informação. Dada a carência de uma definição consensual para o termo informação, há diferentes acepções acerca da mediação da informação e de como ela é desenvolvida nas práticas profissionais.

Desse modo, a mediação da informação é tanto explorada como sinônimo de mediação documentária, quanto designando outros tipos de mediações, os quais aproximam-se de uma mediação pedagógica, de caráter docente, e/ou de uma mediação cultural, em que são observadas principalmente as relações interpessoais voltadas à promoção de bens culturais imateriais.

Oswaldo Francisco de Almeida Júnior é um dos pesquisadores de destaque no Brasil no estudo da mediação da informação. O autor aponta a mediação da informação como objeto do campo, porque ela é explicativa do fazer do profissional da informação — arquivistas, bibliotecários e museólogos (Almeida Júnior 2009).

A primeira publicação em que Almeida Júnior define mediação da informação é de 2006, mas, segundo Santos Neto (2019), ela não obteve tanta visibilidade quanto os trabalhos apresentados em 2008 no ENANCIB e publicados em 2009 no periódico *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*. Mais recentemente, Almeida Júnior (2015)

apresentou sua reformulação do conceito de mediação da informação, definindo-o como uma ação de interferência realizada por um profissional da informação na ambiência dos equipamentos informacionais. Segundo o autor, o objetivo da mediação da informação é a apropriação da informação para satisfazer parcialmente e de maneira momentânea uma necessidade de informação.

Almeida Júnior (2007, 2009) desenvolve a ideia, afirmando que a mediação da informação é desenvolvida sobre os documentos, para produzir a partir deles uma possível informação, que é latente ou potencial, denominada de protoinformação. A protoinformação é um conteúdo com potencial de se tornar informação, caso seja lido e apropriado pelos usuários.

Almeida Júnior (2009) distingue as ações de mediação da informação como aquelas que apresentam caráter explícito ou caráter implícito. As ações de mediação implícita são desenvolvidas sem a presença física e imediata dos usuários, como os processos relativos à seleção, ao armazenamento e ao processamento da informação. As ações de mediação explícita implicam a presença imediata do usuário, ainda que seja à distância, como o serviço de referência.

Henriette Ferreira Gomes (2019) aponta ter ganhado relevo na Ciência da Informação o entendimento de o objetivo da mediação da informação ser a promoção do protagonismo social. Segundo Gomes (2020), o protagonismo social é desenvolvido e fortalecido se o mediador da informação está consciente do seu próprio protagonismo na realização da ação. A mediação consciente da informação implica articular as dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política dessa ação (Gomes 2020). Podemos dizer que, segundo a autora, as dimensões da mediação da informação são relativas à promoção da autonomia dos sujeitos em suas ações com e a partir da informação.

De acordo com Rendón Rojas (2018), a intencionalidade suporta e orienta a mediação dando-lhe sentido, pois todo o fazer documentário implica intencionalidades dos sujeitos que participam do processo, como o usuário e os autores que produzem os documentos. De maneira semelhante, Almeida Júnior (2015 p. 140) explica a informação como um elemento em contínua elaboração em todo o seu ciclo de vida, “[...] incorporando a cada momento novos significados que podem ser observáveis ou estarem camuflados, escondidos nas dobras de vários interesses”.

Portanto, tendo em vista a mediação documentária como uma ação humana intencionalmente realizada, objetiva-se a apropriação da informação pelo sujeito, o que pode contribuir para a promoção do protagonismo social. Dito de outra maneira, as ações do campo podem promover o protagonismo dos sujeitos, mas isso dependerá, em primeiro lugar, de como ele interpreta e se apropria da informação a partir dos sistemas e, em segundo lugar, de fatores sociais que interferem em como se dá a efetiva participação dos sujeitos na sociedade. Esses fatores podem chegar inclusive inviabilizar o pleno exercício do protagonismo social, ainda que os mediadores estejam conscientes do seu papel mediador, nos termos de Gomes (2020), e que o público desenvolva os conhecimentos necessários para um uso crítico da informação.

A produção brasileira elaborada sobre o termo mediação documentária é menor, comparativamente ao uso do termo mediação da informação, que é predominante. Em razão disso, foram recuperados poucos trabalhos a partir da busca daquele termo nas fontes com produção nacional do campo.

Além dos textos produzidos pelos autores do presente artigo (Carvalho 2020a, 2020b; Ortega e Saldanha, 2017, 2019; Ortega e Tolentino 2020; Ortega 2015, 2016a, 2016b, 2018, 2021, 2023), os demais textos são: Menezes y Ojeda (2016), Silva (2016, 2022), Martins (2021), Bastos (2019; Bastos e Sales 2021), Cavalcante (2014), Nunes e Cavalcante (2017), Grigoletto (2019), Lara e Tálamo (2007), Lara (2009, 2011), Nunes e Carvalho (2017), Oliveira e Rocha (2020), Rocha (2018, 2020), Siqueira (2015) e Silva (2020), a partir do qual recuperamos o texto de Cayo Honorato e Viviane Pinto (“Mediação” 2021). Em sequência, são apresentadas as sínteses dos conteúdos de cada um desses textos.

Em relação à Bastos (2019; Bastos e Sales 2021), Nunes e Cavalcante (2017) e Martins (2021), os(as) autores(as) mencionam a noção de mediação documentária fundamentando-se em explicações que elaboramos em textos anteriores (Ortega 2015, 2016a), os quais exploraremos adiante.

Cavalcante (2014) se apoia na produção francesa (Fabre e Gardiès 2010), caracterizando a mediação documentária como uma mediação de saberes. Desta forma, a mediação documentária ultrapassa a transmissão de informações para construir elos entre necessidade e uso que permitam ao indivíduo transformar informação em conhecimento.

Siqueira (2015) menciona Michel (2000), para quem a mediação documentária tem a função de transformar a informação em um objeto tangível, objetivo, manipulável e

perceptível. Desta forma, a mediação documentária permite que a informação seja difundida e modificada (Michel 2000 *apud* Siqueira 2015).

Em relação à Nunes e Carvalho (2017), quando discorrem sobre a etapa empírica de seu trabalho, as autoras relacionam as práticas de mediação documentária em bibliotecas universitárias à produção de manuais de normas técnicas e de repositórios institucionais e ao desenvolvimento de atividades de catalogação, classificação e indexação. As atividades de capacitação/treinamento e de promoção e animação cultural são categorizadas pelas autoras, respectivamente, como práticas de mediação educacional e de mediação cultural.

Grigoletto (2019) aborda a mediação documentária como um gesto documentário a partir do qual são desenvolvidos processos e produtos, observando seus desdobramentos no meio institucional e social. A partir de Pianezza (2018), Grigoletto (2019) caracteriza o gesto documentário como um processo de produção documental de registrar e preservar o valor identificado/atribuído aos objetos, construindo conhecimento para arquivamento e circulação.

Segundo Rocha (2020), na mediação documentária, o documento é o produto de mediações institucionais marcadas pelo processo de documentação, o qual é constituído pelas etapas de produção, organização e disseminação, cujo desenvolvimento apresenta especificidades a depender do equipamento em que elas são realizadas.

Oliveira e Rocha (2020) debatem o tema da mediação na Arquivologia e destacam a mediação documentária e a mediação cultural como tipos de práticas de mediação realizadas em instituições arquivísticas. A mediação documentária é explicada pelos processos de mediação implícita e explícita, como trata Almeida Júnior (2009). Embora não discutam ou exemplifiquem os processos característicos da mediação cultural, Oliveira e Rocha (2020) a explicam pelo trabalho de produzir cultura mediante o diálogo entre a instituição e o público, não apenas por meio de ações educativas de difusão cultural.

Oliveira e Rocha (2020) descrevem a escassez de relatos de experiência de mediação — cultural ou documentária — em instituições arquivísticas brasileiras. Os autores objetivam verificar se o mesmo ocorre na produção estrangeira. Além de confirmarem esse pressuposto, ao categorizarem a produção analisada, os autores relacionam a função social das instituições arquivísticas à mediação cultural. A produção desta categoria diz respeito ao trabalho arquivístico sobre as memórias de grupos sociais, com destaque para as minorias étnicas. Quanto aos textos relacionados pelos autores à mediação documentária, eles abordam

principalmente os processos de mediação implícita, mas não indicam o papel desses processos na promoção da função social das instituições arquivísticas. Desse modo, questionamos qual seria o entendimento dos autores quanto à função dos processos de mediação documentária nas instituições arquivísticas.

No âmbito museal, Silva (2020) aborda a mediação como prática documentária, fundamentando sua discussão no trabalho de Cayo Honorato (2013). Uma definição de mediação documentária é apresentada em outro texto, em um livro organizado pelo autor juntamente com Viviane Pinto (“Mediação” 2021). Neste livro, os autores associam a mediação documentária aos processos de registro, sistematização e organização das informações e dos conhecimentos, com vista a possibilitar a comunicação pública e material de distintos trabalhos. De acordo com os autores, nos museus, a mediação documentária subsidia a realização de atividades de exposição (“Mediação” 2021).

Os próximos textos mencionados são os produzidos pelos autores desse artigo e por outros autores que, de alguma maneira, trabalham ou trabalharam sob a mesma abordagem. Esses autores – diferentemente dos anteriores – não só enfatizam, como centram-se nas ações sobre documentos. Além disso, apresentam a apropriação da informação como algo a atingir, mas a que não se pode responder diretamente pelas ações de mediação documentária.

Janine Menezes y Ojeda (2016 p. 61), apoiando-se na produção de Isabelle Fabre e Cecile Gardiès, define a mediação documentária como o “conjunto de ações realizadas sobre os documentos com o objetivo de se atingir uma estrutura organizacional passível de apropriação da informação”.

Também recorrendo à literatura francesa (Fabre 2013; Fabre e Veyrac 2013), Camila Silva (2016, 2022) caracteriza a ordenação de documentos como processo de mediação documentária, que é proposto entre os documentos e o público, estabelecendo “padrões que atuarão como ponto de referência e errância em um percurso de busca” (Fabre 2013 p. 4 *apud* Silva 2016 p. 179). Os dispositivos de comunicação documentária, ou sistemas de informação documentária, são desenvolvidos a partir da mediação documentária, mobilizando “processos baseados concomitantemente em uma racionalidade teórico-prática e uma tradição cultural que podem estar mais ou menos explicitadas, mas que são intrínsecas aos sistemas elaborados” (Silva 2022 p. 39).

Lara (2009, 2011) e Lara e Tálamo (2007) abordam a mediação documentária, que também discutida pela primeira autora pelo termo mediação documentário-informacional (Lara 2009 p. 16), com ênfase no estudo dos aspectos linguísticos implicados na prática documentária. A autora enfatiza a elaboração de metodologias para a construção de instrumentos documentários, como os sistemas de classificação bibliográfica e os tesouros, que apoiem o tratamento da informação para disponibilizá-la para acesso, uso e apropriação (Lara 2009, 2011).

Em relação aos trabalhos dos autores deste artigo, as ações de mediação documentária “[...] são realizadas concretamente por meio de procedimentos específicos, na forma de proposição de mensagens, entre objetos e pessoas no contexto das atividades em que estas estão envolvidas” (Ortega 2016b p. 42). Os objetos são tomados como documentos e as pessoas como públicos (Ortega 2016b).

Em outro texto, a função social da mediação documentária é identificada a partir da apropriação da informação (Ortega 2023). Essa função é desenvolvida mediante a transformação de objetos em documentos, quando da realização de processos de seleção, descrição, indexação e ordenação, incluindo a exposição. Desse modo, o caráter intencional e propositivo da atividade documentária é expresso na produção de informação. Os sistemas e serviços elaborados a partir desse processo configuram os dispositivos documentários, que funcionam como proposta de percurso dos sujeitos no mundo da informação (Ortega e Saldanha 2017).

Em perspectiva semelhante, a mediação documentária é considerada um modo de produção cujo produto é o sistema documentário. Esta produção envolve a transformação de objetos em documentos com potencial de serem úteis para a satisfação das necessidades de informação das pessoas abordadas em um dado contexto na condição de público daquele sistema (Carvalho 2020a, 2020b).

A mediação é abordada de diversas maneiras na literatura, muitas delas distantes das especificidades propriamente documentárias, embora considerando suas possíveis implicações, como aquelas do âmbito da educação e da cultura. Frente ao interesse em contemplar esses sentidos mais diversos, o termo mediação da informação parece uma escolha adequada. A despeito disso, faltaria trabalhar os conceitos envolvidos, indicando aqueles que singularizam o campo, e os termos que permitem representá-los.

4 Das categorias explicativas dos estudos documentários à mediação

A partir da análise da produção dos estudos documentários, realizamos o exercício de elaborar categorias que possam ser explicativas do campo, explorando os objetos empíricos básicos cuja relação permite explicar o objeto do campo – a mediação documentária. Esse exercício dialoga com um exercício semelhante realizado em trabalho anterior (Ortega 2010), a partir de Rendón Rojas (2005), que propôs o esquema documento-biblioteca-usuário, para discorrer sobre o objeto da *Bibliotecología* (termo adotado na América espanhola).

As categorias elaboradas neste artigo foram as seguintes: o contexto documentário; o público e suas necessidades e informação; o documento na perspectiva documentária; o profissional da mediação documentária; a atividade (de mediação) documentária; e, os sistemas documentários.

O que motiva a elaboração de sistemas documentários, bem como o estudo da mediação documentária como campo científico, são as pessoas cujas necessidades de informação podem ser satisfeitas mediante o acesso e uso de certos objetos exercendo função informativa. No campo, as pessoas são abordadas na condição de público, enquanto os objetos constituem os documentos. Essa delimitação sobre pessoas e objetos se dá no âmbito do contexto documentário, como espaço em que o acesso e o uso dos documentos por públicos são continuamente promovidos a partir de ações de mediação documentária.

De acordo com Cohen (1995), o público é constituído por pessoas inseridas em processos anteriores de consumo e/ou de produção de informação. A partir desses processos, o público percebe suas necessidades de informação, ainda que não as elabore explicitamente em um primeiro momento (Cohen 1995). Desta forma, o trabalho documentário envolve apoiar o público na explicitação de suas necessidades de informação, para identificar assim se, e como, o sistema pode apoiá-lo para satisfazê-las.

Meyriat (2016, publicação original de 1981) distingue as informações que as pessoas necessitam como informações perecíveis, cuja utilidade é momentânea, e as informações duráveis ou especializadas, que são a base para o desenvolvimento dos saberes, por isso, permanecendo válidas para outros em casos semelhantes em momentos diferentes.

Portando, o objetivo do campo com a produção e gestão de sistemas documentários é promover os meios para a satisfação das necessidades de informação do público, mediante as ações realizadas sobre documentos.

O conceito de documento pode ser empregado para designar uma infinidade de objetos e formas de registros do pensamento, de forma que ele não é identificado apenas a partir de registros textuais escritos. A diversidade de objetos que podem funcionar como documentos foi inicialmente apontada nos estudos documentários por Otlet (2018) e corroborada por Suzanne Briet (1951, 2016), respectivamente, em publicações de 1934 e 1951. Briet (2016) enfatizou o documento como o resultado de uma elaboração contextualizada com o objetivo de que ele funcione para representar, reconstituir ou provar um fenômeno físico ou intelectual.

Meyriat (2016) desenvolve o conceito de documento explicando que sua produção decorre de duas vontades humanas: a vontade de informar e a vontade de se informar, sendo a segunda fundamental para confirmar a função de documento de um objeto. Enquanto o documento não é utilizado como tal, ele permanece na virtualidade, sendo ativado quando é acionado pelo usuário. Meyriat propõe distinguir o documento em duas categorias, cada qual relativa ao modo como a função informativa é elaborada sobre o objeto. Essa distinção pode ser identificada nos textos do autor a partir das categorias documento por intenção e documento por atribuição (Ortega 2016a).

O documento por intenção é elaborado com o propósito de informar sobre algo, por exemplo, um artigo científico produzido para comunicar uma investigação para a comunidade científica (Meyriat 2016). Quanto ao documento por atribuição, a sua função informativa é elaborada após a produção material do objeto, abrangendo assim tanto documentos por intenção quanto outros objetos com outras funções previamente definidas (Meyriat 2016).

O trabalho do profissional da mediação documentária se faz em torno da atribuição da função informativa aos objetos, considerando os objetivos do sistema documentário em que ele atua. Portanto, a perspectiva documentária do conceito de documento perpassa por discutir o modo de elaborar a atribuição informativa ao objeto em relação às especificidades do contexto documentário.

O trabalho sobre o documento é realizado pelo profissional da mediação documentária — como os arquivistas, bibliógrafos, bibliotecários e museólogos. O profissional da mediação documentária exerce uma atividade de intervenção quando realiza o processo documentário.

O processo de produção que qualifica o campo e a ação do profissional da mediação documentária é a atividade (de mediação) documentária. Nesse sentido, o estudo da atividade documentária fortalece a autonomia e a identidade disciplinar que permitem o desenvolvimento e o reconhecimento social e acadêmico do campo (Ortega 2018 p. 2).

A concretização da atividade documentária pode ser mais bem compreendida a partir da noção de cadeia documentária. Segundo Madjid Dahmane (1991), pela noção de cadeia documentária podem ser evidenciados os processos e seus subsistemas, e as interações entre eles, para promover a efetividade do sistema documentário.

A cadeia documentária é constituída pelos seguintes processos: Seleção (fase inicial), Organização da Informação — abrangendo os processos de produção de bases de dados (Catalogação ou Representação) e de elaboração de arranjos (Ordenação) — e Conservação (fase intermediária), e a disponibilização de Produtos Documentários, o Serviço de Referência e as atividades de Educação de usuários (fase de saída).

A produção de bases de dados é abordada a partir de termos que identificam o processo integral (Catalogação, Representação), mas também apenas os aspectos descritivos (Catalogação descritiva, Representação descritiva) ou os aspectos temáticos (Catalogação de assunto, Representação temática) do(s) documento(s).

Quanto à ordenação, ela pode ser distinguida em dois tipos: a ordenação de metadados de documentos e a ordenação de documentos (Ortega, Silva e Santos 2016). Os arranjos de metadados são elaborados sobre os registros documentários para constituir bases de dados, ou para constituir arranjos autônomos em ambientes digitais. Quanto aos arranjos de documentos, eles são elaborados quando os documentos de uma coleção são coletados e não apenas referenciados em registros documentários. Desta forma, há de se planejar o armazenamento e as formas de acesso aos documentos em espaços não digitais.

Os termos adotados para denominar cada processo podem variar a depender da produção analisada e do tipo de abordagem documentária em questão — arquivística, bibliográfica ou museológica. Em todo caso, conceitualmente, permanece o entendimento de fases iniciais, em que o documento é inserido e processado no sistema documentário, e a fase final, em que o resultado desse trabalho é proposto para o público.

A base da cadeia documentária é a técnica documentária. De acordo com Ortega y Gasset (1991), a técnica é o conhecimento elaborado para a produção de produtos úteis para a satisfação das necessidades humanas. A partir dessa breve definição, e considerando a finalidade comunicativa da atividade documentária, a técnica documentária pode ser explicada como o conhecimento elaborado para a produção dos sistemas documentários pertinentes ao público.

As técnicas documentárias se diversificam em razão das funções específicas de cada processo documentário. No percurso constitutivo do campo, as técnicas documentárias foram desenvolvidas sob formas e ênfases diferentes, considerando as condições contextuais de cada local e tempo e os processos documentários observados como mais pertinentes para o estudo ou para o trabalho documentário.

Os estudos linguísticos realizados no campo devem apoiar o desenvolvimento de metodologias de estudo do público, uma vez que ele é o sujeito cuja recepção é visada com a atividade documentária. Esses estudos foram desenvolvidos de forma significativa no âmbito da organização da informação, de modo que foi desenvolvida a linha de pesquisa Análise Documentária, posteriormente compondo o subcampo da Linguística Documentária (Lara 2011). A Análise Documentária/Linguística Documentária é desenvolvida pela apropriação de conceitos e metodologias propostos a partir da Linguística, Análise de Discurso, Linguística Textual, Terminologia, Lógica, Semiótica e Semântica (Kobashi 2008; Lara 2009).

A aplicação das técnicas documentárias ocorre mediante o emprego de tecnologias. As tecnologias adotadas no campo podem ser distinguidas a partir de duas categorias de artefatos: os instrumentos documentários e os aparatos tecnológicos utilitários. Os segundos compreendem equipamentos como computadores, *softwares*, impressoras, entre outros recursos, usualmente elaborados e aperfeiçoados a partir de outros campos do conhecimento relacionados com as tecnologias de informação e comunicação.

Quanto aos instrumentos documentários, eles são elaborados a partir de técnicas documentárias. Como toda a atividade documentária, os instrumentos também apresentam natureza contextual, o que torna sua utilidade fortemente atrelada ao contexto documentário para o qual eles foram criados. Essa utilidade também está atrelada à vocação do instrumento quanto ao processo de mediação para o qual ele foi elaborado.

Dentre os instrumentos documentários de organização da informação, estão as linguagens documentárias e os instrumentos de representação descritiva utilizados na elaboração dos registros documentários de bases de dados.

Há desafios a enfrentar em relação ao desenvolvimento da atividade documentária, tanto em termos da reflexão quanto da prática profissional, como segue:

O controle da técnica documentária é exercido principalmente por grupos hegemônicos em termos ideológicos e econômicos. Nesse sentido, os grupos hegemônicos promovem o uso de normas e de tecnologias que as implementam, disseminando um certo modo de produzir e gerir os sistemas documentários que, conseqüentemente, limita a possibilidade criativa dos profissionais. Por sua vez, é recorrente que esses profissionais exerçam as atividades de maneira acrítica e passiva, em função de uma cultura educacional e profissional instaurada, legitimando a ação dos grupos hegemônicos.

Desse modo, é necessário recuperar e desenvolver continuamente os fundamentos técnicos da atividade documentária, bem como a defesa de sua ampla disseminação, para potencializar a capacidade criativa dos profissionais da mediação documentária.

De forma relacionada ao ponto anterior, é necessário revisar as concepções universalistas e normalizadoras, e pretensamente neutras, implicadas na produção e disseminação dos instrumentos documentários. Como exemplo, mencionamos a tendência de a representação descritiva ser explicada antes pelo *Anglo-American Cataloguing Rules*, segunda edição (AACR), e pelo *Machine Readable Cataloging* (MARC), que por seus respectivos princípios, em uma abordagem empírica que secundariza uma abstração sobre a estrutura geral do registro (Ortega 2009).

Outro desafio, relacionado ao primeiro, é o de avaliar a pertinência dos instrumentos documentários em relação ao contexto documentário em que eles são utilizados. Um exemplo relevante é o dos sistemas de classificação bibliográfica adotados para o desenvolvimento do processo de ordenação de documentos, cujo uso é amplamente disseminado, como é o caso da Classificação Decimal de Dewey (CDD). Neste caso, o uso tende a aumentar, por já ser bastante amplo, e por haver pouco conhecimento sobre as formas de produzir esses instrumentos localmente ou de adaptá-los. Dessa maneira, um instrumento como a CDD é comumente usada sem adaptações, e por se entender que não cabe produzir esquemas locais para ordenação de documentos, haja vista a concepção universal mencionada.

A mediação documentária – como objeto dos estudos documentários – ocorre concretamente pela ação de pessoas (profissionais, auxiliares, entre outros, e públicos), em espaços virtuais ou não, com uso de técnicas e instrumentos sobre objetos selecionados, tendo em conta contextos que são construídos segundo as atividades desenvolvidas pelos públicos. Todos esses elementos envolvem questões diversas que vão do modo hegemônico de se trabalhar até as possibilidades individuais de apropriação.

5 Conclusões

O estudo da mediação documentária aqui realizado colocou em destaque: a especificidade da abordagem sobre o documento; o caráter comunicativo da mediação documentária; e a abordagem da apropriação da informação no campo na condição de objetivo de suas ações.

O conceito de documento não é exclusivo dos estudos documentários, logo, o seu sentido específico precisa ser elaborado no quadro conceitual do campo. O documento, no sentido documentário, diz respeito ao objeto cuja função informativa é elaborada no contexto de um sistema documentário. A função informativa é expressa mediante a produção de mensagens, como os registros documentários nas bases de dados e os documentos (e suas representações) que compõem um determinado arranjo.

A mediação documentária é fundamentalmente comunicativa, caráter este que é manifestado nos produtos, serviços e atividades elaborados no sistema documentário. Para tanto, a atividade documentária envolve a manipulação de linguagens, mais propriamente as linguagens dos documentos, do público e do profissional que irá manipulá-las. Cada um desses sujeitos apresenta intencionalidades em relação ao sistema documentário, que são manifestadas em formas linguísticas.

Já a apropriação da informação realizada pelo público não constitui o objeto dos estudos documentários, mas uma finalidade a ser alcançada. Nesse sentido, os estudos documentários e suas aplicações a partir de ações de mediação documentária são fundamentais.

O estudo nos permite identificar a instabilidade que marca o percurso dos estudos documentários e, ao mesmo tempo, evidenciar a riqueza de conhecimentos elaborados ao longo do tempo que podem e precisam ser recuperados.

Se o trabalho de fundamentação não é continuamente realizado, a resposta às novas demandas de informação, atreladas às novas características da sociedade, podem exigir um esforço maior do campo para ser elaborada. Ou seja, um quadro teórico de conhecimentos que não seja suficientemente amplo para subsidiar a atuação do campo tende a limitá-la.

Se há um quadro teórico devidamente elaborado, e em contínua discussão, as pesquisas e as práticas documentárias não ficam limitadas ao conhecimento produzido e disseminado em um dado período. Um dos problemas de grande parte das pesquisas atualmente é a prioridade atribuída à literatura recente, o que leva ao desconhecimento de conhecimento fundamental produzido em períodos anteriores.

Referências

- Abdalla, Raquel Barioni, e Kobashi, Nair Yumiko. “Ciência da informação: reflexões sobre a constituição de um campo científico.” *Desafios e perspectivas científicas para a organização e representação do conhecimento na atualidade*, organizadores: José Augusto Chaves Guimarães e Vera Dodebei, 2012, pp. 54-58. *UNESP*, <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/CEDHUM/livro-isko-brasil-finalizado.pdf>. Acessado 18 out. 2023.
- Alava, Séraphin. “Eléments pour une didactique de la médiation documentaire.” *Documentaliste – Sciences de l’information*, vol. 30, no. 1, Jan./Fev. 1993, pp. 14-18.
- Alava, Séraphin. “Médiation(s) et métier d’étudiant.” *Bulletin des bibliothèques de France*, no. 1, 1999, pp. 8-15. *BBF*, <https://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-1999-01-0008-001>. Acessado 18 out. 2023.
- Alava, Séraphin, e Etévé, Christiane. “Médiation documentaire et éducation.” *Revue Française de Pédagogie*, no. 127, Avr./Mai/Jun. 1999, pp. 119-164. *HALSHS*, <https://shs.hal.science/hal-00654407/>. Acessado 18 out. 2023.
- Almeida Júnior, Oswaldo Francisco de. “Leitura, mediação e apropriação da informação.” *A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação*, organizadora: Jussara Pereira Santos, 2007, pp. 32-45. *OFAJ*, https://ofaj.com.br/espacoofajs_conteudo.php?cod=12. Acessado 18 out. 2023.
- Almeida Júnior, Oswaldo Francisco de. “Mediação da informação e múltiplas linguagens.” *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, vol. 2, no. 1, Jan./Dez. 2009, pp. 89-103. *ANCIB*, <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/170>. Acessado 18 out. 2023.

- Almeida Júnior, Oswaldo Francisco de. “Mediação da informação: um conceito atualizado.” *Mediação oral da informação e da leitura*, organizadores: João Arlindo Santos Neto, e Rovilson José da Silva, 2015, pp. 9-32.
- Araújo, André Vieira de Freitas, Crippa, Giulia, e Saldanha, Gustavo Silva. “Em busca da Bibliografia: sobre o I Seminário Internacional "A Arte da Bibliografia.” *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, vol. 11, no. especial, 2015, pp. 495-512. *RBBB*, <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/529>. Acessado 18 out. 2023.
- Bastos, Dilza Ramos. *Representação de documentos digitais: uma proposta para recuperação integrada de acervos culturais*. 2019. Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, tese de Doutorado em Ciência da Informação. *IBICT*, <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1100>. Acessado 06 nov. 2023.
- Bastos, Dilza Ramos., e Sales, Luana Farias. “Do objeto ao documento digital: no âmbito das bibliotecas, arquivos e museus.” *Verbo de Minas*, vol. 22, no. 39, Jan./Jul. 2021, pp. 45-71. *UniAcademia*, <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/verboDeMinas/article/view/2902>. Acessado 06 nov. 2023.
- Béguin-Verbrugge, Annette. “Le traitement documentaire est-il une énonciation?” *Les recherches en information et communication et leurs perspectives: histoire, objet, pouvoir et méthode*, de Société Française des Sciences de l’Information et de la Communication, 2002, pp. 329-335.
- Blanquet, Marie-France. “A função documentária: estudo em uma perspectiva histórica.” *Perspectivas em Ciência da Informação*, vol. 23, no. 4, Out./Dez. 2018, pp. 221-232. *BRAPCI*, <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/108421>. Acessado 18 out. 2023.
- Bonin, Jiani Adriana. “Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação.” *FAMECOS*, vol. 15, no. 37, Dez. 2008, pp. 121-127. *PUCRS*, <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2008.37.4809>. Acessado 18 out. 2023.
- Bonin, Jiani Adriana. “Delineamentos para pensar a metodologia como práxis na pesquisa em comunicação.” *Rastros*, vol. 11, 2010, pp. 9-21. *PROCESSOCOM*, <http://www.processocom.org/bonin-rastros-2010/>. Acessado 18 out. 2023.
- Briet, Suzanne. *O que é a documentação*. Briquet de Lemos, 2016.
- Briet, Suzanne. *Qu’est-ce que la documentation?* Édit - Éditions Documentaires Industrielles et Techniques, 1951.
- Capaccioni, Andrea. “Mapas y memorias: apostillas a una historia de la Bibliografía.” *Documentación de las Ciencias de la Información*, vol. 29, 2006, pp. 9-24. *Universidad Complutense de Madrid*, <https://revistas.ucm.es/index.php/DCIN/article/view/DCIN0606110009A>. Acessado 18 out. 2023.

- Carvalho, Matheus Aguiar de. “A Biblioteconomia e as ciências informativo-documentárias: a mediação documentária como um modo de produção.” *Fundamentos e práticas da mediação no contexto informacional*, organizadores: Jéssica Patrícia Silva de Sá, Andreza Gonçalves Barbosa, Maria Elizabeth de Oliveira, e Jorge Sant Anna, 2020b, pp. 50-73. *FEBAB*, <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6151>. Acessado 18 out. 2023.
- Carvalho, Matheus Aguiar de. *A ordenação de documentos na Biblioteconomia escolar*. 2020a. Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, dissertação de Mestrado em Ciência da Informação. *UFMG*, <http://hdl.handle.net/1843/36952>. Acessado 18 out. 2023.
- Cavalcante, Lidia Eugenia. “Informação social, solidária e desenvolvimento local.” *XV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, 27-31 Out., 2014*. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação. *UFC*, <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/18304>. Acessado 04 nov. 2023.
- Cohen, Diana Micheline. *O consumidor da informação documentária: o usuário de sistemas documentários visto sob a lente da Análise Documentária*. 1995. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, dissertação de Mestrado em Ciência da Informação e Documentação. *USP*, <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27137/tde-09032017-174649/pt-br.php>. Acessado 18 out. 2023.
- Dahmane, Madjid. “Problematique de la theorie et de la methodologie systematiques appliquees a la documentation.” *Revue de l'Information Scientifique et Technique (RIST)*, vol. 1, no. 1, 1991, pp. 18-26. *ASJP*, <https://www.asjp.cerist.dz/en/article/48726>. Acessado 18 out. 2023.
- Dias, Eduardo Wense. “Biblioteconomia e ciência da informação: natureza e relações.” *Perspectivas em Ciência da Informação*, vol. 5, no. especial, 2000, pp. 67-80. *BRAPCI*, <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/33080>. Acessado 18 out. 2023.
- Domingues, Ivan. *Epistemologia das ciências humanas*. Briquet de Lemos, 2004.
- Fabre, Isabelle. *L'espace documentaire comme lieu de médiations*. Esquisse, 2013. *OATAO*, <https://core.ac.uk/download/pdf/12044381.pdf>. Acessado 18 out. 2023.
- Fabre, Isabelle, e Couzinet, Viviane. “L’œuvre accompagnée: médiation documentaire au Musée.” *Médiations culturelles innovantes: observations croisées dans deux musées toulousains*, organizador: Patrick Fraysse, 2021, pp. 39-56. *HAL*, <https://theses.hal.science/ENSFEA/hal-03476836v1>. Acessado 18 out. 2023.
- Fabre, Isabelle, e Gardiès, Cecile. “La médiation documentaire.” *Médiations*, organizador: Vicent Liquète, 2010, pp. 121-139. *OpenEdition*, <https://books.openedition.org/editionscnrs/14763>. Acessado 18 out. 2023.

- Fabre, Isabelle, e Veyrac, Hélène. “Classement et rangement: mise au jour de genèses instrumentales.” *Hermès, La Revue*, vol. 2, no. 66, 2013, pp. 214-221. *Cairn.info*, <https://www.cairn.info/revue-hermes-la-revue-2013-2-page-214.htm>. Acessado 18 out. 2023.
- Flusser, Víctor. “Uma biblioteca verdadeiramente pública.” *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, vol. 9, no. 2, Set. 1980, pp. 131-138. *UFMG*, <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36361>. Acessado 18 out. 2023.
- Fondin, Hubert. “La Science de l'information ou le poids de l'histoire.” *Les Enjeux de l'information et de la communication*, vol. 2005, no. 1, 2005, pp. 35-54. *Cairn.info*, <https://www.cairn.info/revue-les-enjeux-de-l-information-et-de-la-communication-2005-1-page-35.htm>. Acessado 18 out. 2023.
- Fonseca, Edson Nery da. “Desenvolvimento da biblioteconomia e da bibliografia no Brasil.” *Revista do Livro*, a. 2, no. 5, Mar. 1957, pp. 95-124. *Biblioteca Nacional (Brasil)*, <https://antigo.bn.gov.br/producao/publicacoes/revista-livro-biblioteca-nacional-ano-2-n-5>. Acessado 18 out. 2023.
- Freitas, Lídia Silva de. *Na teia dos sentidos: análise do discurso da Ciência da Informação sobre a atual condição da informação*. 2001. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, dissertação de Mestrado em Ciência da Informação e Documentação. *USP*, <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-19072005-165907/pt-br.php>. Acessado 18 out. 2023.
- Frota, Maria Guiomar da Cunha. “Desafios teórico-metodológicos para a Ciência da Informação: descrição, explicação e interpretação.” *Informação cultura e sociedade: interlocuções e perspectivas*, organizadoras: Alcenir Soares dos Reis, e Ana Maria Rezende Cabral, 2007, pp. 49-59.
- Gomes, Hagar Espanha. “Experiência do IBBD em programas de pós-graduação.” *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, vol. 3, no. 1, Mar. 1974, pp. 13-26. *UFMG*, <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/35989>. Acessado 18 out. 2023.
- Gomes, Henriette Ferreira. “Protagonismo social e mediação da informação.” *Logeion*, vol. 5, no. 2, Mar./Ago. 2019, pp. 10-21. *IBICT*, <https://doi.org/10.21728/logeion.2019v5n2.p10-21>. Acessado 18 out. 2023.
- Gomes, Henriette Ferreira. “Mediação da Informação e suas Dimensões Dialógica, Estética, Formativa, Ética e Política.” *Informação & Sociedade*, vol. 30, no. 4, 2020, pp. 1-23. *UFPB*, <https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n4.57047>. Acessado 18 out. 2023.
- Grigoletto, Maira Cristina. “O patrimônio institucionalizado pela perspectiva do gesto: aproximações entre Bibliografia e Arquivologia.” *Em questão*, vol. 25, edição especial V Seminário Internacional A Arte da Bibliografia, 2019, pp. 194-215. *UFRGS*, <https://doi.org/10.19132/1808-5245250.194-215>. Acessado 03 nov. 2023.

- Honorato, Cayo. *Tem alguém, algo aí?: o público, os públicos, um público*. Seminário Reconfigurações do Público: Arte Pedagogia e Participação, 2013. [Site pessoal do autor], <https://cayohonorato.weebly.com/>. Acessado 18 out. 2023.
- Juvêncio, Carlos Henrique. *O Mundaneum no Brasil: o Serviço de Bibliographia e Documentação da Biblioteca Nacional e seu papel na implementação de uma rede de informações científicas*. 2014. Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, dissertação de Mestrado em Ciência da Informação. UNB, <https://www.repositorio.unb.br/handle/10482/15891>. Acessado 18 out. 2023.
- Juvêncio, Carlos Henrique, e Rodrigues, Georgete Medleg. “A bibliografia no Brasil segundo os preceitos otletianos: a liderança da Biblioteca Nacional e outras ações.” *Informação & Informação*, vol. 20, no. 2, 2015, pp. 184-204. UEL, <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2015v20n2p184>. Acessado 18 out. 2023.
- Kobashi, Nair Yumiko. “Linguística textual e elaboração de informações documentárias: algumas reflexões.” *Discurso e texto: multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação*, organizadoras: Nádea Regina Gaspar, e Lucília Maria Souza Romão, 2008, pp. 47-66.
- Lakatos, Eva Maria, e Marconi, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. Atlas, 1982.
- Lara, Marilda Lopes Ginez de. *Linguística documentária: seleção de conceitos*. 2009. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, tese de Livre Docência em Análise Documentária. USP, <https://doi.org/10.11606/T.27.2019.tde-21112019-191517>. Acessado 18 out. 2023.
- Lara, Marilda Lopes Ginez de. “Conceitos de Organização e Representação do Conhecimento na ótica das reflexões do Grupo Temma.” *Informação & Informação*, vol. 16, no. 3, Jan./Jun. 2011, pp. 92-121. UEL, <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2011v16n2p92>. Acessado 18 out. 2023.
- Lara, Marilda Lopes Ginez de, Tálamo, Maria de Fátima Gonçalves Moeira. “Uma experiência na interface Lingüística Documentária e Terminologia.” *DataGramaZero*, vol. 8, no. 5, Out. 2007, pp. 1-12. BRAPCI, <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/6681>. Acessado 06 nov. 2023.
- Lasso de la Vega, Javier. “Bibliotecario y documentalista: una fricción y un problema.” *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, t. LX, no. 2, 1954, pp. 451-476.
- Liquète, Vicent, Fabre, Isabelle, e Gardiès, Cécile. “Faut-il reconsidérer la médiation documentaire?.” *Les Enjeux de l'information et de la communication*, vol. 2010, no. 1, 2010, pp. 43-57. Cairn.info, <https://www.cairn.info/revue-les-enjeux-de-l-information-et-de-la-communication-2010-2-page-43.htm?ref=doi>. Acessado 18 out. 2023.
- López Yepes, José. *La ciencia de la información documental: el documento, la disciplina y el profesional en la era digital*. Universidad Panamericana, 2015. UNAM, https://iibi.unam.mx/f/La_Ciencia_de_la_Informacion_documental.pdf. Acessado 18 out. 2023.

- Martins, Gabriella Braga Andrade. *Organização da informação em bibliotecas comunitárias: relações a construir para uma função social a cumprir*. 2021. Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, dissertação de Mestrado em Ciência da Informação. UFMG, <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/39183>. Acessado 06 nov. 2023.
- Mediação como pesquisa e prática documentária: as plantas como mediadoras no Programa Educativa do Museu Nacional da República*. Tuíña Arte e Produção, 2021. *BlogdeArte.Art*, <https://blogdearte.art/2022/02/04/mediacao-como-pesquisa-e-pratica-documentaria/>. Acessado 18 out. 2023.
- Mendes, Luciana Cortes. “Documentation Influence in Brazilian Library and Information Science: the case of University of São Paulo.” *Proceedings from the Document Academy*, vol. 8, no. 2, 2021, pp. 1-9. *Document Academy*, <https://ideaexchange.uakron.edu/docam/vol8/iss2/7/>. Acessado 18 out. 2023.
- Menezes y Ojeda, Janine. *O objeto não fala por si só: o papel da mediação documentária nos acervos musealizados*. 2016. Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, dissertação de Mestrado em Ciência da Informação. UFMG, <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AE3J8Q>. Acessado 18 out. 2023.
- Mercadante, Leila M. Z. “Novas formas de mediação da informação.” *Transinformação*, vol. 7, no. 1/2/3, Jan./Dez. 1995, pp. 33-40. *PUC Campinas*, <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/1635>. Acessado 18 out. 2023.
- Meyriat, Jean. “Document, documentation, documentologie.” *Schéma et Schématisation*, vol. 21, no. 3, 1981, pp. 51-63.
- Meyriat, Jean. “Documentalistes et bibliothécaires: regards croisés sur leurs formations.” *Bulletin de Bibliothèques de France (BBF)*, vol. 41, no. 6, 1996, pp. 37-40. *BBF*, <https://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-1996-06-0037-005>. Acessado 18 out. 2023.
- Meyriat, Jean. “Documento, documentação, documentologia.” *Perspectivas em Ciência da Informação*, vol. 21, no. 3, Jul./Set. 2016, pp. 240-253. UFMG, <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/download/22480/18073>. Acessado 18 out. 2023.
- Michel, Jean. “Les documentalistes : l'urgence d'une reconnaissance sociale.” *Hermès, La Revue*, vol. 1, no. 35, 2003, pp. 185-193. *Cairn.info*, <https://www.cairn.info/revue-hermes-la-revue-2003-1-page-185.htm>. Acessado 25 jan. 2024.
- Moreiro González, José Antonio. *Conceptos introductorios al estudio de la información documental*. EDUFBA, 2005.
- Mueller, Suzana Pinheiro Machado. “O ensino de biblioteconomia no Brasil.” *Ciência da Informação*, vol. 14, no. 1, Jan./Jun. 1985, pp. 3-15. *IBICT*, <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v14i1.222>. Acessado 18 out. 2023.

- Natali, J. B., e Smit, Johanna W. “A agonia da estrutura na crítica literária francesa.” *Escrita*, vol. 1, no. 6, 1976, pp. 11-12.
- Nunes, Martha Suzana Cabral, e Carvalho, Katia de. “A mediação da informação em bibliotecas universitárias brasileiras e francesas: práticas e discursos dos profissionais da informação.” *Ponto de Acesso*, vol. 11, no. 3, Dez. 2017, pp. 91-108. UFBA, <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/18419>. Acessado 18 out. 2023.
- Nunes, Jefferson Veras, e Cavalcante, Lídia Eugênia. “Por uma epistême mediacional na Ciência da Informação.” *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, vol. 10, no. 2, Ago./Dez. 2017, pp. 1-20. ANCIB, <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/413>. Acessado 06 nov. 2023.
- Oliveira, Gustavo Augusto Andrade de, e Rocha, Eliane Cristina de Freitas. “A mediação em Arquivos: relatos de experiência em periódicos de língua inglesa.” *Memória e Informação*, vol. 4, no. 1, 2020, pp. 1-20. BRAPCI, <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/146308>. Acessado 18 out. 2023.
- Ortega y Gasset, José. *Meditação sobre a técnica*. Tradução José Francisco P. de Almeida Oliveira, Instituto Liberal, 1991.
- Ortega, Cristina Dotta. “Categorias configuradoras da Ciência da Informação: seleção, exploração e sistematização.” *Documentación de las Ciencias de la Información*, vol. 33, 2010, pp. 289-328. CORE, <https://core.ac.uk/download/pdf/38813516.pdf>. Acessado 18 out. 2023.
- Ortega, Cristina Dotta. “Categorias fundamentais da Organização da Informação: do conceitual, metodológico e pragmático ao normativo e tecnológico.” *Organização e representação do conhecimento em diferentes contextos: desafios e perspectivas na era da datificação*, organizadoras: Natália Bolfarini Tognoli, Ana Cristina de Albuquerque, e Brígida Maria Nogueira Cervantes, ISKO Brasil, 2023, pp. 18-28. Estudos Avançados, vol. 7. ISKO Brasil, <https://isko.org.br/publicacoes/serie-estudos-avancados-em-organizacao-e-representacao-do-conhecimento/>. Acessado 06 nov. 2023.
- Ortega, Cristina Dotta. “O conceito de documento em abordagem bibliográfica segundo as disciplinas constituintes do campo.” *INCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, vol. 7, no. especial, Ago. 2016a, pp. 41-64. USP, <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/118749>. Acessado 18 out. 2023.
- Ortega, Cristina Dotta. “Fundamentos e métodos de ordenação de documentos.” *Ordenação de documentos na atividade bibliotecária*, de Cristina Dotta Ortega, Camila Mariana Aparecida da Silva, e Marcelo Nair dos Santos, Briquet de Lemos, 2016b, pp. 6-43. Internet Archive, <https://archive.org/details/OrdenaoDeDocumentosNaAtividadeBibliotecria>. Acessado 18 out. 2023.

- Ortega, Cristina Dotta. “La intencionalidad en la actividad documentaria.” *La intencionalidad em la Ciencia de la Información Documental*, organizador: Miguel Ángel Rendón Rojas, UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, 2018, pp. 1-33. UNAM, http://ru.iibi.unam.mx/jspui/handle/IIBI_UNAM/CL1107. Acessado 18 out. 2023.
- Ortega, Cristina Dotta. “Mediação da informação: do objeto ao documento.” *VII Encuentro EDICIC Ibérico, Universidad Complutense de Madrid, 16-17 Noviembre, 2015*. Universidad Complutense de Madrid. *Universidad Complutense Biblioteca*, <https://docta.ucm.es/entities/publication/c14442d6-d17d-4cd2-9fdc-64beb5d6c8e8>. Acessado 18 out. 2023.
- Ortega, Cristina Dotta. “Os princípios bibliográficos em cursos brasileiros de graduação em Biblioteconomia: uma análise sobre a especificidade epistemológica curricular.” *Bibliothecae.it*, vol. 10, no. 2, 2021, pp. 47-93. *Università di Bologna*, <https://doi.org/10.6092/issn.2283-9364/14067>. Acessado 05 nov. 2023.
- Ortega, Cristina Dotta. *Os registros de informação dos sistemas documentários: uma discussão no âmbito da Representação Descritiva*. 2009. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, tese de Doutorado em Ciência da Informação. USP, <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-21092009-211824/pt-br.php>. Acessado 18 out. 2023.
- Ortega, Cristina Dotta, e Saldanha, Gustavo Silva. “A noção de documento desde Paul Otlet e as propostas neodocumentalistas.” *XVIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 23-27 Out., 2017*. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação. UFMG, <http://hdl.handle.net/1843/43200>. Acessado 18 out. 2023.
- Ortega, Cristina Dotta, e Saldanha, Gustavo Silva. “A noção de documento no espaço-tempo da Ciência da Informação: críticas e pragmáticas de um conceito.” *Perspectivas em Ciência da Informação*, vol. 24, no. especial, Jan./Mar. 2019, pp. 189-203. Scielo, <https://doi.org/10.1590/1981-5344/3920>. Acessado 05 nov. 2023.
- Ortega, Cristina Dotta, Silva, Camila Mariana Aparecida da, e Santos, Marcelo Nair dos. *Ordenação de documentos na atividade bibliotecária*. Briquet de Lemos, 2016. *Internet Archive*, <https://archive.org/details/OrdenaoDeDocumentosNaAtividadeBibliotecria>. Acessado 18 out. 2023.
- Ortega, Cristina Dotta, e Tolentino, Vinicius de Souza. “O livro: do objeto ao documento na prática bibliográfica.” *Encontros Bibli*, vol. 25, no. especial, 2020, pp. 1-22. UFSC, <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2020.e73474>. Acessado 05 nov. 2023.
- Otlet, Paul. “Documentos e Documentação.” *Congresso Mundial da Documentação Universal, 1937. Conexão Rio Desenvolvimento Web*, <http://www.conexaorio.com/bit/otlet/index.htm>. Acessado 18 out. 2023.

- Otlet, Paul. *Traité de Documentation: le livre sur le livre, théorie et pratique*. Mundaneum, 1934.
- Otlet, Paul. *Tratado de Documentação: o livro sobre o livro: teoria e prática*. Organização de Antonio Agenor Briquet de Lemos, tradução de Taiguara Villela Aldabalde et al., Briquet de Lemos, 2018. UNB, <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32627>. Acessado 18 out. 2023.
- Pianezza, Nolwenn. “Le geste documentaire du chercheur indigène: production de traces et transmission des saviors.” *IV Colóquio Mussi, 20 Jun.-21 Jun., 2018*. Rede Franco-Brasileira de Pesquisadores em Mediações e Usos Sociais de Saberes e Informação. HAL, <https://hal.science/hal-03783094v1/document>. Acessado 20 jan. 2024.
- Pinheiro, Lena Vania Ribeiro. “Hagar Espanha Gomes: múltiplos e inovadores movimentos acadêmicos e pedagógicos.” *Ciência da Informação em revista*, vol. 7, no. 2, Maio/Ago. 2020, Editorial, pp. 3-14. UFAL, <https://doi.org/10.28998/cirev.2020v7n2ed>. Acessado 18 out. 2023.
- Pinheiro, Lena Vania Ribeiro, e Loureiro, José Mauro Matheus. “Traçados e limites da Ciência da Informação.” *Ciência da Informação*, vol. 24, no. 1, 1995, pp. 1-19. IBICT, <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/609/611>. Acessado 18 out. 2023.
- Quintero Castro, Nathalia. “Disciplinas de la información documental: núcleo común y objeto de estudio.” El objeto de estudio de la bibliotecología/documentación/ciencia de la información: propuestas, discusión, análisis y elementos comunes, coordinador: Miguel Ángel Rendón Rojas, UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, 2013, pp. 179-201. Universidad de Antioquia, <https://bibliotecadigital.udea.edu.co/handle/10495/8358>. Acessado 18 out. 2023.
- Régimbeau, Gérard. “Médiation.” *Approche de l'information-documentation: concept fondateurs*, organizadora: Cécile Gardiès, 2011, pp. 75-114. HAL, <https://hal.science/hal-03056537>. Acessado 18 out. 2023.
- Rendón Rojas, Miguel Ángel. *Bases teóricas y filosóficas de la Bibliotecología*. UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2005. UNAM, http://ru.iibi.unam.mx/jspui/handle/IIBI_UNAM/L65. Acessado 18 out. 2023.
- Rendón Rojas, Miguel Ángel. “Ciencia bibliotecológica y de la información en el contexto de las ciencias sociales y humanas: epistemología, metodología e interdisciplina.” *Investigación Bibliotecológica*, vol. 22, no. 44, Ene./Abr. 2008, pp. 65-76. SciELO, https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-358X2008000100004. Acessado 18 out. 2023.
- Rendón Rojas, Miguel Ángel. “Epistemologia da Ciência da Informação: objeto de estudo e principais categorias.” *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, vol. 3, no. 1, Jan./Abr. 2012, pp. 3-14. USP, <https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v3i1p3-14>. Acessado 18 out. 2023.

- Rendón Rojas, Miguel Ángel. “Reflexiones finales.” El objeto de estudio de la bibliotecología/documentación/ciencia de la información: propuestas, discusión, análisis y elementos comunes, coordenador: Miguel Ángel Rendón Rojas, UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2013, pp. 275-295. UNAM, https://ru.iibi.unam.mx/jspui/handle/IIBI_UNAM/L13. Acessado 18 out. 2023.
- Rendón Rojas, Miguel Ángel. “La intencionalidad: el carácter social y humano la Ciencia de la Información Documental.” *La intencionalidad en la Ciencia de la Información Documental*, coordenador: Miguel Ángel Rendón Rojas, UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2018, pp. 157-169. UNAM, https://ru.iibi.unam.mx/jspui/handle/IIBI_UNAM/L13. Acessado 18 out. 2023.
- Rocha, Eliane Cristina de Freitas. “As mediações como objeto de pesquisa em periódicos brasileiros da Ciência da Informação e áreas correlatas.” *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, vol. 18, 2020, pp. 1-23. UNICAMP, <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8659245/22709>. Acessado 06 nov. 2023.
- Rocha, Eliane Cristina de Freitas. “Usuários e públicos nas práticas de profissionais da informação e áreas correlatas.” *Biblionline*, vol. 14, no. 4, 2018, pp. 65-82. UFPB, <https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4775.2018v14n4.43347>. Acessado 06 nov. 2023.
- Salvador Oliván, José Antonio, e Arquero Avilés, Rosario. “Una aproximación al concepto de recuperación de información en el marco de la ciencia de la documentación.” *Investigación Bibliotecológica*, vol. 20, no. 41, Jul./Dez. 2006, pp. 13-43. UNAM, <http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/4113>. Acessado 18 out. 2023.
- Santos, Josiel Machado. “Bibliotecas no Brasil: um olhar histórico.” *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, vol. 6, no. 1, Jan./Jun. 2010, pp. 50-61. UNAM, <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/download/132/168>. Acessado 18 out. 2023.
- Santos Neto, João Arlindo dos. *O estado da arte da mediação da informação: uma análise histórica da constituição e desenvolvimento dos conceitos*. 2019. Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, tese de Doutorado em Ciência da Informação. UNESP, <https://repositorio.unesp.br/items/c44c0313-6750-4148-a142-a8dc7682b532>. Acessado 18 out. 2023.
- Shera, Jesse, e Egan, Maragaret. “Exame do estado atual da biblioteconomia e documentação.” *Documentação*, de Samuel C. Bradford, Fundo de Cultura, 1961, pp. 15-64.
- Silva, Camila Mariana Aparecida da. *A ordenação como processo de Organização da Informação: uma discussão (necessária) sobre a classificação bibliográfica*. 2022. Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, tese de Doutorado em Ciência da Informação. UFMG, <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/43292>. Acessado 18 out. 2023.

- Silva, Camila Mariana Aparecida da. *Para uma abordagem contemporânea sobre ordenação de documentos: propostas do século XIX e início do XX*. 2016. Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, dissertação de Mestrado em Ciência da Informação. UFMG, <http://hdl.handle.net/1843/BUBD-AMWGPP>. Acessado 18 out. 2023.
- Silva, Diogo de Moraes. “Recepção como elo da obra de arte com o mundo e com a história.” *ARS*, vol. 18, no. 40, 2020, pp. 196-236. USP, <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2020.166510>. Acessado 18 out. 2023.
- Silva, Giane da Paz Ferreira, Lima, Marcos Galindo, e Silveira, Murilo Artur Araújo da. “Documentação no Brasil: presença do pensamento de Paul Otlet na Revista do Serviço Público.” *Logeion*, vol. 9, no. 2, 2023, pp. 223-245. IBICT, <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/6259>. Acessado 18 out. 2023.
- Siqueira, Jessica Camara. “Ciência da Informação: personagem da pós-modernidade.” *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, vol. 8, no. 1, 2012, pp. 14-33. FEBAB, <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/186>. Acessado 18 out. 2023.
- Siqueira, Jessica Camara. “Informação e documento: relações simbióticas.” *Ponto de Acesso*, vol. 9, no. 1, abr. 2015, pp. 91-110. UFBA, <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/7675>. Acessado 06 nov. 2023.
- Smit, Johanna W. “Análise semântica e análise documentária.” *Significação*, vol. 1, no. 1, 1974, pp. 168-177.
- Smit, Johanna W. “A relação teoria/texto: uma falsa tautologia.” *Escrita*, vol. 2, no. 20, 1977, pp. 26-27.
- Smit, Johanna W. “Documentação e linguística: inter-relação e campos de pesquisa.” *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, vol. 11, no. 1, 1978, pp. 33-42.
- Smit, Johanna W. “Novas abordagens na organização, no acesso e na transferência da informação.” *Ciência da Informação: múltiplos diálogos*, organizadora: Maria Helena T. C. de Barros, Cultura Acadêmica, 2009, pp. 57-66. UNESP, https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/book/10. Acessado 18 out. 2023.
- Smit, Johanna W., Tálamo, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. “Ciência da Informação: uma ciência moderna ou pós-moderna?” *Informação e contemporaneidade: perspectivas*, organizadoras: Marilda Lopes Ginez Lara, Asa Fujino, e Daisy Pires Noronha, Nectar, 2007, pp. 57-66. ISSU, https://issuu.com/galyndo/docs/informa_o_e_contemporaneidade_perspectivas. Acessado 18 out. 2023.

- Smit, Johanna Wilhelmina, Tálamo, Maria de Fátima Gonçalves Moreira, e Kobashi, Nair Yumiko. “A determinação do campo científico da Ciência da Informação: uma abordagem terminológica.” *V Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, 10-14 Nov., 2003*. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação. *BRAPCI*, <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5524>. Acessado 18 out. 2023.
- Souza, Edivanio Duarte de. “Dimensões teórico-metodológicas da Ciência da Informação: dos desafios à consolidação epistemológica.” *IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, Centro Universitário SENAC, 28 Set.-1 Out., 2008*. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação. *IBICT*, <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/view/2983/2109>. Acessado 18 out. 2023.
- Vicentini, Abner Lellis Corrêa. “A documentação no Brasil.” *II Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 1959*. Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários. *FEBAB*, <http://repositorio.febab.org.br/items/show/510>. Acessado 18 out. 2023.
- Volpato, Gilson Luiz. *Ciência: da filosofia à publicação*. Cultura Acadêmica, 2013.

Copyright: © 2024 CARVALHO, Matheus Aguiar de; ORTEGA, Cristina Dotta. This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons CC Attribution-ShareAlike (CC BY-SA), which permits use, distribution, and reproduction in any medium, under the identical terms, and provided the original author and source are credited.

Received: 17/11/2023

Accepted: 25/01/2024